



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

À DERIVA DAS MASCULINIDADES: UMA CONVERSA COM HOMENS NEGROS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Eixo Temático 24 – MASCULINIDADES E SUAS INTERSECÇÕES NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS

Felipe de Carvalho Ferreira¹
Leandro Teófilo de Brito²

RESUMO

O presente trabalho buscou problematizar relatos de homens negros professores provenientes de escolas públicas do Rio de Janeiro que atuassem no seguimento da Educação Infantil (EI). Nesse sentido, o interesse deste estudo debruçou-se na análise de como as experiências que são atravessadas por um conjunto de marcadores como gênero, raça, sexualidade e religião atuaram de modo a impactar suas percepções e práticas profissionais. Sendo assim, com a produção destes relatos investigamos algumas enunciações que puderam ser imersas aos conceitos de performatividade da linguagem e da raça, de modo que o caráter contraditório e múltiplo sobressaísse uma complexa trama na constituição de suas identidades enquanto homens negros e professores de crianças.

Palavras-chave: Masculinidades Negras; Masculinidades; Educação; Gênero; Sexualidade; Raça

INTRODUÇÃO

Estabilizar compreensões sobre os significados de ser homem pode cair em armadilhas epistemológicas que lançam para a categoria da masculinidade um consenso normativo. Por meio de uma suposta “crise de masculinidade” (Connell, 1995), levaríamos a acreditar que, em algum momento na história, encontraremos um sujeito pleno, estável e completo. Pensando nos homens negros, essa discussão toma outros contornos investigativos uma vez que a esses sujeitos são projetadas compreensões raciais de exclusão, medo e hiperssexualização de seus

¹ Pedagogo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, felipec.ferreira47@gmail.com;

² Professor orientador. Doutor, Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, teofilo.leandro@gmail.com;



corpos. Desconfiar de naturalizações rasas e respostas prontas é chacoalhar um terreno que sempre houve disputas e conflitos.

Por outro lado, torna-se necessário compreender as categorias performativas como algo que escapa da própria norma. Ou seja, as identidades são organizadas de modo a serem legítimas e legitimadas pelos demais sujeitos em um dado contexto social produzindo assim agências frente aos discursos proferidos. Skiliar (2003) vai se referir à tendência do pensamento colonial em tentar reduzir o outro pelo próximo. Para o autor, tornar o *outro* em contraste com o *eu* revela uma camada tentadora de análise em uma alteridade radical. Entre outras palavras, pensar em corpos negros como uma negação do que não é, ou seja, um corpo branco, não sustenta um conjunto de sentidos que permeiam na interrelação com esses sujeitos, seus conflitos e contradições.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

As teorizações apresentadas foram pensadas e organizadas provisoriamente, de modo a levantar algumas suspeitas frente à maneira como as performances das masculinidades negras são orquestradas. Portanto, não pretendemos dar por finalizada as ideias desenvolvidas, mas propor caminhos outros a partir das noções de raça e gênero atrelados ao campo docente.

Para isso, mergulhamos nas perspectivas nomeadas como pós-críticas com a finalidade de desconstruir uma verdade única sobre os fatos. Propor um fazer científico que leve em consideração uma rede complexa e engenhosa de significações compreende que somos fabricados a partir de lentes históricas e sociais distintas. Paraíso (2012) vai se referir à ideia de desterritorialização como um mecanismo de invenção com que dispositivos de imagem são criados. Entre outras palavras, as noções de masculinidades e masculinidades negras navegaram por esse território da invenção, permitindo assim (re)produzir construções diante essas categorias.

Ao todo conversamos com cinco professores homens negros, todos oriundos da rede municipal de ensino. Observamos que acumulavam trajetórias formativas similares, sendo três deles cursado o pós-médio³ formação de professores, e dois o ensino superior em pedagogia.

³ Embora a maioria dos docentes advêm de outras formações que não o magistério, a Lei nº 9.394/1996 prevê em seu Art. 62: § 4º A União, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, fomentará a



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

Suas vivências se encontraram no momento em que raça e gênero, por exemplo, coadunaram para experiências docentes compartilhadas. Portanto, as discussões a seguir são provenientes desses entrecruzamentos de histórias.

As enunciações dos sujeitos na produção de seus relatos foram interpretados pelas proposições de Butler (2021) acerca da *performatividade da linguagem* e as entrevistas a partir de Butler (2015) sobre *relatar a si mesmo*. Entende-se que as enunciações desses homens tiveram, potencialmente, o poder performativo de atribuir sentidos à docência e masculinidades na educação de crianças. Problematizar relatos de homens negros professores se deparou com um duplo exercício: primeiramente, é considerar suas falas como fontes de implicação no mundo e seus conhecimentos a partir das experiências; posteriormente, suspeitar que tais discursos também derivaram de suas formações enquanto sujeito, relações com o outro e influências externas que impactam em tais significações. Portanto, as tensões estabelecidas do que é ser homem, negro e professor da EI teve toques sensíveis de cada conversa.

Kilomba (2019) desenvolve uma perspicaz alusão “que não é o sujeito negro que estamos lidando, mas com as fantasias brancas sobre o que a negritude deveria ser” (p. 38). Conceber esse sujeito que é modelado socialmente a partir da linguagem é, dentre outras formas, compreendê-lo em seu aspecto contraditório. Nesse caminho, dialogamos também com a *performatividade da raça* (Melo, 2021) como um ato que cria outras realidades, sobretudo, nos estudos que interseccionam gênero e raça. Pensar nessa identidade negra que é performatizada sob diferentes maneiras, é retornar a essa categoria com olhares mais atentos as suas contingências e normalizações.

Além disso, a busca por estes professores foi fundamentada pela abordagem da convergência rizomática (Stehlik, 2004), ou seja, uma proposta de localização de sujeitos por meio de contatos. A utilização das entrevistas baseada nessa abordagem fornece um leque de possibilidades com que essas conversas poderiam ser conduzidas. Como a raiz de uma planta, pouco estávamos interessados na formação exata dela, mas sim no cuidado para que ela crescesse de forma saudável. Nesse sentido, proporcionar um momento agradável, interessante e seguro para esses sujeitos foi um movimento empreendido na busca da produção dessas informações.

formação de docentes em nível superior, inclusive para aqueles que, **não sendo formados em licenciatura**, exerçam a função de magistério. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acessado em: 25 mar. 2025



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa ainda em andamento onde buscaremos analisar dois eixos performáticos que emergiram durante as conversas, a citar: religião e docência masculina. Com isso, a forma como que operacionalizamos os relatos desses professores derivaram de condições e contextos sociais diferentes entre eles, guardando também suas devidas aproximações.

Iniciamos nossa discussão a partir dos atravessamentos com a religião onde, por vezes, fundiram-se ao processo de constituição das subjetividades enquanto homens negros. É importante destacar que essas discussões não buscaram gerar uma genealogia da história das religiões, assim como questionar as eventuais crenças desses homens. Por outro lado, pretendemos colocar sob suspeita a articulação que fizeram sobre suas condições como homens negros em paralelo às funções de professores da educação infantil, tendo como pano de fundo a religião. Nesse sentido, atentamos para as disputas narrativas que influenciaram ora nas ausências, ora nos deslocamentos sobre suas percepções de raça e gênero.

Em alguns momentos das conversas, observamos deslocamentos e repetições de falas comuns entre esses professores. Nesses relatos, acompanhamos que parte de suas (in)conclusões sobre a questão do racismo ou até mesmo reflexões diante da dificuldade para tocarem em assuntos de cunho raciais originou-se, também, dos processos formativos religiosos. Nesse caminho, Pereira (2019) vai pensar na dimensão de uma ideologia de branqueamento que tentou, exaustivamente, afastar o sujeito negro às suas identidades e percepções raciais.

Há questões imbricadas nas falas dos professores que excederam a própria constituição de si apontando para significações do que é esperado, ou não, para o gênero masculino. Brito (2023) vai ao encontro de problematizar os usos da religião como forma de construir narrativas únicas que normatizam e cristalizam discursos. As afetações dessas religiões trazem alguns elementos cruciais que corroboram em uma defesa do que é “ser” homem.

Nessa ótica, podemos problematizar que tipo de sujeito foi formado em sua subjetividade que os impediram de se perceberem, também, enquanto homens negros professores. Para além do gênero, há uma linha tênue que os separam dos homens brancos. O cuidado e afeto, por exemplo, são expressões que substancialmente não são pensadas para os homens, especialmente homens negros.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

Ainda que o magistério seja permeado por discursos que potencializam o gênero como o principal marcador da exclusão, ousamos dizer que há também outros tantos balizadores imbricados nessas falas. Sendo a raça um deles, façamos a seguinte reflexão: se a presença de homens nesse espaço permanece sendo delicado, a falta de compreensão desses professores sobre suas condições enquanto homens negros também camufla episódios que vão além do sexismo, mas também do racismo.

Além disso, julgamos também necessário discutir a questão de homens, independente de qual categoria dentro do espectro das masculinidades⁴, nossa hipótese é que mantêm uma conexão com o modelo hegemônico. Essa suspeita emergiu durante as entrevistas no momento em que relataram elogios das famílias devido o desempenho dos seus trabalhos junto às crianças, além de algumas outras profissionais da escola. Vale salientar que o nosso intuito não é questionar suas competências, bem como invalidar falas. Por outro lado, trazemos para o debate contornos e negociações na temática de gênero e raça.

Somos afetados por discursos que buscam definir brincadeiras, vestimentas e comportamentos desejáveis para determinados sujeitos dependendo do gênero definido ao nascer, ou até anterior a isso. Com isso, cria-se padronizações que em um menor descuido, é colocado imediatamente no vale da estranheza. O lugar de professor da educação infantil é, sem dúvidas, se encontrar nesse vale onde é reiterado o quanto não é desejável um homem escapar de formas enrijecidas pré-definidas para ele.

Ser um homem negro na educação infantil traz um conjunto de opressões e performances únicas. Contingencialmente, por ocupar um espaço marcado pelo gênero feminino, ser homem inviabiliza algumas tarefas frente ao cargo de regente. Em tantas outras ocasiões, ser negro pôde direcioná-los para um lugar de suspeita ou então de autoridade baseada em um suposto medo que aquele corpo pudesse originar.

Porém, pensar nesse limite entre o que é um limite que se derivou do racismo, e do preconceito de gênero isoladamente é um exercício insuficiente. Essas tensões estão emaranhadas em diversos conflitos que se tangenciam e marcam, de diferentes maneiras,

⁴ Embora Connell (1995) sinalizasse para a construção da masculinidade que disputa espaço entre hegemônica, cúmplice e subalternizada, atentamos para essas definições com um pouco mais de cuidado. A maneira como elas se organizam inviabiliza uma definição tão assertiva da maneira como elas são performatizadas, ainda que guardem algumas significações perceptíveis.



experiências desses sujeitos. Por esse ângulo, Kilomba (2020) aposta em um racismo genderizado, onde afirma que:

Este é, de fato, um sério dilema teórico, em que os conceitos de “raça” e gênero se fundem estreitamente em um só. Tais narrativas separadas mantêm a invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos [...] Um fenômeno que atravessa várias concepções de “raça” e de gênero, nossa realidade só pode ser abordada de forma adequadas quando esses conceitos são elevados em conta (p. 98).

Estar como professor de crianças é assumir o risco com o ressurgimento de fantasmas que em outrora, na condição de estudante, pudemos vivenciar. Talvez, a tão sonhada mudança na educação, venha a partir, e não somente, no ímpeto de se lançar para o desconhecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aposta desta pesquisa embarcou nas contingências do fazer docente enquanto um caráter enunciativo de questionar ideias cristalizadas. O desafio na interlocução com esses sujeitos ancorou-se na compreensão que os modos como se articularam na organização de suas trajetórias não estão certas ou erradas, de antemão. Sendo assim, partimos do princípio que os sentidos e significações apresentados são produzidos e refletidos em suas experiências.

Com a finalidade de reforçar o protagonismo desses sujeitos, além de apresentar suas respectivas vivências e olhares de mundo, buscamos observar esses acontecimentos a partir de suas experiências e marcas, mas não somente. Encontramos nas entrevistas uma estratégia de operacionalizar a conversa de maneira fluída, compartilhada e multifacetada. A produção desses dados procurou escapar de uma frente unilateral do saber, como se o interlocutor pudesse conduzir totalmente os rumos dessa conversa.

REFERÊNCIAS

Butler, Judith. Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. Discurso de ódio: uma política do performativo. Editora UNESP, 2021

BRITO, L. T.. 'Eles aceitam esses gays todos pra um dia fazer uma sessão de cura com todo mundo': afetações da religião em uma pesquisa sobre masculinidades. Cadernos de gênero e diversidade, v. 9, p. 143-166, 2023.



CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

MELO, Glenda Cristina Valim de. Performatividade de raça interseccionada por gênero e sexualidade em uma roda de conversa entre mulheres negras. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 60, n. 1, p. 6–15, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8662006>. Acesso em: 21 abr. 2025.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.

PEREIRA, Bárbara Cristina Silva. Racismo religioso e ideologia do branqueamento no Brasil. *Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros*, n. 4, p. 59-76, 2019.

Skiliar, Carlos. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros “outros”. Florianópolis: Ponto de Vista, 2003.